

# Caderno



  
IMPRENSA  
OFICIAL/ES

Revista de Cultura do  
Diário Oficial do Espírito Santo

Ano V - n.º 29 • Vitória-ES • Setembro de 2015 • Bimestral

*A Rua Sete,*  
DO SAMBA, DA  
CULTURA E DA BOEMIA

OS 160 ANOS DA  
BIBLIOTECA PÚBLICA DO  
ESPÍRITO SANTO



**NAS LINHAS DO  
GORDEL**

AUTORES COMO KÁTIA BOBBIO  
FAZEM PARTE DE UM SELETO  
GRUPO DE ESCRITORES  
CAPIXABAS QUE SE ARRISCAM  
NO GÊNERO E GANHAM  
RECONHECIMENTO NACIONAL

## Hora de mudança

Renovar, tornar algo novo, mudar para melhor. É com este conceito que rerepresentamos o Caderno D, revista de cultura do Diário Oficial do Espírito Santo. Com quase cinco anos de existência, a renovação no *layout* da publicação veio para marcar uma nova fase do Caderno D, com a retomada da discussão cultural mais ampla, buscando discutir vários temas em

desses expoentes, tendo sido condecorada na França por seus escritos. Mas ela não é única! Outros nomes completam esse enredo democrático, como o jornalista Vitor Vogas, que levou o cordel para o www.

E já que estamos falando de renovação, o Caderno D também trouxe o soerguimento da famosa Rua Sete, no Centro de Vitória. Berço da boemia em tempos idos, hoje a

rua voltou a atrair as pessoas, principalmente os jovens.

O Festival de Cinema de Vitória, os 160 anos da Biblioteca Pública

### “A RENOVAÇÃO NO LAYOUT DA PUBLICAÇÃO VEIO PARA MARCAR UMA NOVA FASE DO CADERNO D, COM A RETOMADA DA DISCUSSÃO CULTURAL MAIS AMPLA”.

uma mesma edição. Conquistamos uma pitada mais crítica e textos mais leves e fluidos.

Nesse recomeço, a presente edição traz o Cordel Capixaba – sim, temos cordelistas! E famosos mundo afora... – como um dos destaques. A escritora Kátia Bobbio é um

Estadual e a arte nos muros também são temas desta edição.

Como bem disse o educador Rubem Alves, “Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses”. Que venham as borboletas! Uma boa leitura! ■

## Cartas

“Querida Dora Dalmasio,  
Que presente maravilhoso!  
(...)

Como você é cuidadosa! Como você tem a Alma de um Anjo!

Magnífico o Caderno D da Revista de Cultura do Diário Oficial do Espírito Santo.

Esta publicação, de grande valor, beleza e impor-

tância, devia ter uma amplíssima circulação no Espírito Santo e mesmo fora do Estado.

Que grande honra para mim ter tido o texto LIVROS À MÃO CHEIA (edição nº 28) editado com tanta ante!

Obrigado por tudo.

Parabéns pelo seu trabalho.

Cordialmente, o companheiro de ideais.”

*João Baptista Herkenhoff*

# Caderno D

Revista de Cultura do  
Diário Oficial do Espírito Santo

## GOVERNO DO ESTADO

PAULO CÉSAR HARTUNG GOMES  
Governador

CÉSAR ROBERTO COLNAGO  
Vice-Governador

DAYSE MARIA OSLEGHER LEMOS  
Secretária de Gestão e Recursos Humanos



GOVERNO DO ESTADO  
DO ESPÍRITO SANTO

## DIO

MIRIAN SCÁRDUA  
Diretora Presidente

SÉRGIO RICARDO DE OLIVEIRA EGITO  
Diretor de Produção e Comercialização

GETÚLIO DARCY CURTY PIRES  
Diretor Administrativo Financeiro

SECULT  
JOÃO GUALBERTO M. VASCONCELOS  
Secretário de Estado da Cultura

Coordenação de produção  
Sérgio Egito e Stephanie Oliveira

Edição, redação e revisão  
Companhia de Comunicação

Fotografia  
Samuel Vieira

Projeto gráfico e editoração  
Comunicação Impressa

Jornalista responsável  
Cláudio Rocha

Impressão  
Gráfica do DIO

Este Caderno pode ser acessado no site [www.dio.es.gov.br](http://www.dio.es.gov.br)

# Cordel com sotaque capixaba

**Autores como Kátia Bobbio fazem sucesso e ganham reconhecimento nacional e internacional**

A paixão da escritora e artista plástica Kátia Bobbio pelos “causos” que ouvia na infância, em Conceição da Barra, norte do Estado, onde nasceu e viveu até os 18 anos, abriu caminho para que o Espírito Santo ganhasse uma cordelista, hoje, reconhecida no Brasil e no exterior, com 137 livretos publicados, dos 154 que já produziu.

Kátia faz parte de um grupo seleto de escritores capixabas que se arriscam nesse gênero, como Clério José Borges, Juacy Lino Feu e Teodorico Boa Morte, e que seguiram uma trajetória iniciada no século XIX por Leandro Gomes de Barros, Rodolfo Coelho Cavalcante e João Martins de Athayde. Mas, sem dúvida, é a escritora que desponta como referência no Espírito Santo quando se fala em cordel.

Os livros de cordel – o nome vem da forma como as obras, que passaram a ser impressas, eram expostas, penduradas em cordas, como um varal, e vendidas em feiras e mercados – são escritos em forma rimada e metrificada e, em geral, são ilustrados em xilogravura, o que permitiu a Kátia um casamento perfeito entre a escritora e a artista plástica. “Eu, por exemplo, utilizo >>



fotografias ou meus próprios desenhos e pinturas para ilustrar as capas dos meus livros.” Entre a escritora e a pintora, Kátia dispara: “Nasci artista”.

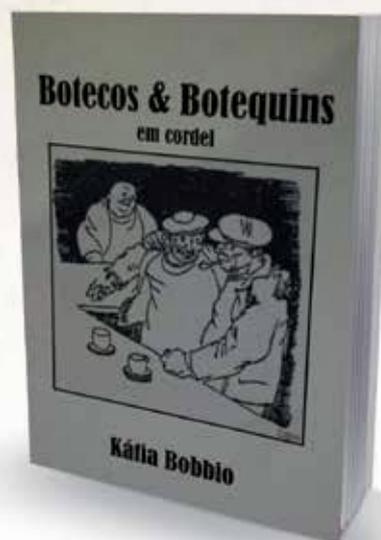
Os estudos sobre esse gênero apontam que a literatura de cordel nasceu no século XVI, quando o Renascimento passou a popularizar a impressão dos relatos que, até então, eram feitos oralmente pelos trovadores. No século XVIII, a literatura de cordel já era comum na Europa e ganhou popularidade no Brasil, especialmente no Nordeste.

### Origem

O encanto de Kátia Bobbio com o cordel vem da proximidade com a Bahia, onde teve os primeiros contatos com aquela linguagem. “Na adolescência, em alguns fins de semana, íamos sempre a festas no interior baiano. Foi quando tomei contato com o cordel e me apaixonei. Comecei a comprar e não parei mais.”

Aos 16 anos, Kátia iniciou com algumas quadrinhas vendendo o jongo (folclore barrense) bater tambor, pandeiro e reco-reco. “Eles faziam versos de improviso e eu achava aquilo a coisa mais linda. Aos 18 anos, mudei-me para Vitória para estudar e comecei a trabalhar no Palácio do Governo (onde está até hoje). Mas, quando batia a saudade da terrinha, começava a escrever alguma coisa saudosa. Foi quando comecei a escrever cordel.”

De cara, escreveu logo três livretos – “Um Cordel para Conceição da Barra”, “Um Cordel para o Barão de Thimboy” e “Um Cordel para a Banda Musical Oliveira Filho” – e passou a retratar a história e as belezas



do Estado e dos municípios capixabas em rimas populares.

“Eu costumo fazer meus cordéis exaltando o meu querido Espírito Santo, os municípios maravilhosos, as belíssimas praias, as montanhas capixabas, os parques estaduais, várias personalidades que ajudaram a construir a história do Estado, como os nossos heróis e heroínas, os grandiosos monumentos históricos, as belezas naturais, o meio ambiente, as questões sociais e humorísticas, as festas folclóricas e religiosas, as instituições culturais e governamentais, e por aí vai.”

O segredo para escrever bem em cordel, segundo Kátia, é ter a ternura da poesia no coração e na alma. “Não adianta você fazer uma boa rima e uma boa metrificação nos versos. Eu não só escrevo como adoro falar/recitar o meu trabalho. Para você ser reconhecida, primeiro você tem que conquistar o respeito do público e da imprensa com esse gênero literário, pelo fato de ser bem popular.”

### Fora do eixo

A carreira de cordelista fora do Nordeste, aonde o gênero chegou e se popularizou bem

**“EU COSTUMO FAZER MEUS CORDÉIS EXALTANDO O MEU QUERIDO ESPÍRITO SANTO, OS MUNICÍPIOS MARAVILHOSOS,**

AS BELÍSSIMAS PRAIAS, AS MONTANHAS CAPIXABAS, OS PARQUES ESTADUAIS, VÁRIAS PERSONALIDADES QUE AJUDARAM A CONSTRUIR A HISTÓRIA DO ESTADO.”

antes das outras regiões, não chega a ser turbulenta. Existem escritores de cordel espalhados por todo País, justifica Kátia. O que mudou, fora daquela região, e mesmo lá, nos dias atuais, é a temática. O nordestino escrevia muito sobre o cangaço, a seca e o sertão e fazia muitas pelepas e duelos. Nos outros estados, o escritor de hoje dá mais atenção aos temas característicos da sua região.

“Todos os momentos do cotidiano podem transformar-se em cordel: crimes, mortes, políticos, artistas famosos, humor, casos eróticos, futebol, meio ambiente, biografias, questões sociais... Qualquer fenômeno de impacto ou pessoas históricas capixabas, na minha mão,

viram cordel”, explica Kátia. A escritora capixaba lembra que esse gênero literário, tipicamente popular, é motivo de estudos em cursos como Letras, Antropologia e Sociologia.

Na peleja do livreto de cordel contra a internet e o avanço tecnológico, a cordelista acha que todos saem ganhando. “Não vejo problema algum fazer cordel nos dias atuais. A literatura de cordel está se renovando a cada dia por conta do excesso de plataformas eletrônicas, gráficas e tecnológicas mais avançadas substituindo algumas técnicas mais antigas que estão ficando esquecidas. O que acontece é que hoje você tem um resultado bem mais rápido na circulação e na divulgação de sua obra.”



## Literatura popular em nova plataforma

O jornalista Vitor Vogas, hoje titular da coluna Praça Oito, do jornal **A Gazeta**, deu uma nova roupagem ao cordel. Apaixonado pelo gênero, que estuda no mestrado de Literatura, na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), ele fez ensaios como cordelista amador, como se intitula, em *sites* noticiosos, como o *Leia-se* e o **Gazeta Online**.

No primeiro, lançou o “Polírica”, e, no segundo, pouco tempo depois, o “Cordel de Severino”. Nos dois casos, Vogas, que já iniciou sua carreira de jornalista como repórter de Política, aproveitou-se bem das mazelas e do folclore do segmento para fazer sua análise em rimas e métricas. “A política tem um campo vasto para isso”, explica.

No “Cordel de Severino”, o jornalista aproveitou-se da peleja entre Dilma Roussef e Aécio Neves pelo Palácio do Planalto e brincou com o tema e o gênero, logo após as eleições presidenciais. Severino Severo, personagem que criou para tratar esses duelos políticos

e depois algumas outras histórias, ficou no ar, com seu cordel eletrônico, até abril deste ano, quando perdeu fôlego em função das novas responsabilidades que assumiu na Coluna Praça Oito.

Para escolher o gênero como foco dos seus estudos e escritos, Vogas mergulhou na sua paixão pela palavra e, em especial, pela obra de João Cabral de Melo Neto e de Patativa do Assaré.

Suas aventuras pelo mundo da literatura, no entanto, começaram bem antes. Ainda aos 11 anos, Vitor Vogas já tinha escrito o livro infantil “Bichobol”, que foi adotado em várias escolas particulares da Grande Vitória. No ano passado, seu livro infanto-juvenil “Irmãos de Leite” foi selecionado pelo edital da Secretaria de Estado da Cultura (Secult) e publicado. A obra de cem páginas, que ele chama de cordelão, tem a mesma linguagem do cordel, mas novamente publicada nas plataformas inovadoras que o jornalista tem dado ao gênero. ■



## A rua que virou **samba**

**Ações culturais devolvem à Sete de Setembro e região o charme da noite no Centro de Vitória**

Os bares da Rua Sete voltaram a atrair um público jovem

Quando a produtora cultural e design de moda Stael Magesck lançou, em dezembro de 2007, a Casa da Stael, a famosa Rua Sete de Setembro – que já abrigou parte da elite e da boemia da cidade até os anos de 1970 – e toda a região que cresceu no seu entorno pareciam decadentes. Poucos investimentos, quase nada o que fazer. As ações culturais e os boêmios se deslocavam em direção aos bairros da zona norte.

Embora não veja o seu trabalho como um marco de recuperação da noite na região, Stael admite “uma boa parcela de culpa” nesse processo, que contamina coletivos culturais e produtivos, pequenas empresas e bares mais sofisticados, especialmente da vizinha Rua Gama Rosa. “Comecei a fazer eventos, ia para as ruas para atrair o público, fazia *performances*”, conta a dublê de empresária, artista e produtora cultural.

Para chamar a atenção, especialmente do público mais jovem que agora se desloca para as noites do Centro, Stael criou um grupo virtual para divulgar a região – “Bons Motivos para ir ao Centro” –, que tem milhares

de seguidores nas redes sociais e um bom time de colaboradores.

Parceira de Stael em alguns projetos culturais desenvolvidos na Casa que leva o nome da produtora, a professora de Administração e Gestão em Marketing Iamara Nascimento acredita que as ações culturais que contaminaram a região nos últimos anos foram fundamentais para realçar o charme que o Centro sempre teve. Para ela, moradora local desde 2007, o grande marco da retomada da Rua Sete foi a apresentação, pela Escola de Samba Unidos da Piedade, do enredo “Sete de Setembro – histórias e memórias da rua que virou samba”, no desfile de 2009.

As manifestações culturais que ela já ajudou a produzir e os produtores que habitam a região

continuam propagando o Centro, hoje, como a região que concentra a maior parte da produção cultural da cidade. Para a alegria de Iamara, amante da música, a Rua Sete, aos sábados, virou um circuito de samba, que começa no início da



tarde, no Bar do Nei, mais tarde passa pelo Bimbo e termina, pela madrugada, na Zilda.

O jornalista Edilson Lenk, há 16 anos morador do Centro, também acredita na força do samba e de Stael como grandes atrativos para o público que frequenta a Rua Sete e suas vizinhas. “O que acontece é um investimento de artistas, de ativistas culturais que moram no Centro, além dos coletivos produtivos.”

Para Lenk, é preciso dar crédito



to a Stael, que na sua visão puxou esse movimento todo. “As pessoas passaram a entender, com ela, que viver no Centro pode ser bom.”

Como morador, o jornalista diz que esse movimento quebra com estigmas de que



o Centro era violento demais, uma imagem que ele sempre considerou exagerada. Lenk acredita que o movimento de agora veio para ficar, porque as pessoas que frequentam se conhecem, podem aproveitar de ambientes mais sofisticados, como os bares da Gama Rosa ou de estabelecimentos mais populares, como uma boa parte da própria Rua Sete. “Há um público itinerante, mas também um público muito fiel.”

### Casa Aberta

A principal atração criada no atelier de Stael, um dos principais responsáveis pela atração de público para a Rua Sete, é o Casa Aberta, criado em 2008. Com o evento, ela mistura moda, arte e cultura e a Casa de Stael, originalmente um atelier, vira um pouco

de tudo: bar, restaurante, palco para poetas, músicos e atores.

A partir do Casa Aberta, a produtora agregou vários eventos, como o Lendo na Calçada, no primeiro sábado do mês, para troca de livros e apresentações de contadores de história; o Sarau Autoral, uma vez por mês, para apresentação de escritores e músicos; e o Cozinha Amiga e Almoço Musical, no segundo sábado do mês, no qual um amigo assume a cozinha e o atelier vira um restaurante para poucos.

O investimento nos eventos culturais, segundo Stael Magesck, é o grande segredo para a manutenção de um público fiel no Centro da Cidade. Por isso, ela elogia a ação dos coletivos culturais e produtivos que, hoje, atuam na região. “Esses grupos se solidificaram aqui.”

## A força da união

A união de artistas, produtores culturais e pequenos empreendedores abriu o campo para a ação dos chamados coletivos produtivos e culturais. No Centro de Vitória, uma parte desses grupos se abriga e investe em opções de negócios e de lazer que se ampliam na região.

Esse é o caso do Coletivo Expurgação, que tem como um dos sócios-fundadores Raphael Gaspar Tebaldi da Silva. Ele coordena e cria projetos de audiovisual. No final do ano passado, o Coletivo foi contemplado por edital da Secretaria de Estado da Cultura (Secult), para produzir o projeto Cine-Clube, desenvolvido na Rua Nestor Gomes, sede do Expurgação. Foram seis edições até agora, que abrem campo para a apresentação de produções capixabas.

O Coletivo Expurgação, que tem sede na região desde 2010, já promoveu outros eventos culturais, na mesma rua, como o Ensaio Aberto e o Grito do Rock, que devem voltar em breve à agenda do Centro.

“Acho que ajudamos a requalificar o Centro, permitindo que as pessoas tenham um novo olhar sobre

ele”, acredita Raphael Tebaldi.

### Arranjo produtivo

A preocupação com o desenvolvimento da economia criativa é uma preocupação do grupo, que, agora, comemora fazer parte do Corredor Nestor Gomes, o único Arranjo Produtivo Local (APL) no Estado contemplado em seleção realizada pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, em parceria com o Ministério da Cultura e com a Secretaria de Estado de Desenvolvimento.

O APL Corredor Nestor Gomes de Economia Criativa reúne empreendedores daquela rua, que atuam com serviços e produtos voltados para as artes visuais e cênicas, música, cinema, vídeo, internet, publicidade e propaganda, arquitetura, design e eventos culturais.

Para apoiar a elaboração de um plano de desenvolvimento, o APL recebeu, já como resultado da seleção, a consultoria da Fundação Vanzolini, para aumentar a produtividade dos empreendedores do Corredor. ■



Fotos: Cláudio Postay / Galpão Produções

O Festival de Vitória ajuda a formar público para o cinema capixaba

## *Abrindo portas para* ***novos talentos***

AS OFICINAS E MOSTRAS COMPETITIVAS SÃO O PANO DE FUNDO PARA O RESULTADO PRINCIPAL DO FESTIVAL DE CINEMA DE VITÓRIA. A DIRETORA DO FESTIVAL, LUCIA CAUS, COMEMORA NÚMEROS QUE COLOCARAM O EVENTO CAPIXABA NO MAPA DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NACIONAL E QUE CONTRIBUEM PARA UMA ONDA DE PRODUÇÃO E DE DESCOBERTA DE TALENTOS LOCAIS. NESTA ENTREVISTA, LUCIA FALA DAS CONQUISTAS ACUMULADAS NAS 22 EDIÇÕES.

**Caderno D** - Um dos focos do Festival é trabalhar na formação de público e na descoberta de novos talentos, especialmente a partir das oficinas oferecidas durante o evento. Ao longo da história do Festival, quantas pessoas passaram por essas oficinas?

**Lucia Caus** - As oficinas de formação do Festival de Cinema de Vitória já atenderam, em 17 anos de atividades, a mais de 1.500 alunos.

**Qual a importância do Festival para o crescimento em quantidade e qualidade da produção local?**

O Festival é um espaço de intenso intercâmbio e atualização para os profissionais envolvidos com o audiovisual, seja por meio da extensa programação de exposições de filmes, seja por meio de outras atividades como oficinas, debates e lançamentos. O Festival possui uma janela dedicada exclusivamente à produção audiovisual local, a Mostra Foco Capixaba, que em 2015 chega à sua 4.<sup>a</sup> edição. Vale ressaltar que os filmes locais, para além da Mostra Foco Capixaba, têm competido nas demais mostras nacionais, o que certifica a qualidade do cinema produzido no Espírito Santo. Além disso, fazem parte do Festival ações de fomento que são os concursos com foco nos novos realizadores.

**Pode-se falar em marcos da evolução do Vitória Cine Vídeo?**

O Festival de Cinema de Vitória nasceu como em uma mostra não competitiva de curtas. Ao longo dessas duas décadas, experimentou formatos e ampliou sua dimensão. Nos últimos anos, temos oferecido uma programação inteiramente gratuita de cerca de 40 horas de exposições, além de atividades paralelas, que acontece ao longo de seis dias. Temos movimentado um público estimado em 30 mil pessoas. É difícil destacar marcos na evolução do Festival, pois, a cada ano, temos buscado aperfeiçoar e adequar o evento às demandas do público e dos realizadores. Mais recentemente, durante a 18.<sup>a</sup> edição do

Festival, houve a criação de mostras temáticas e da Mostra Competitiva Nacional de Longas. Até então os filmes de longa-metragem eram exibidos fora de competição. Além de ser uma nova janela no Festival, essa ampliação colocou o Espírito Santo no circuito dos grandes festivais de cinema do País.

**Quantos trabalhos foram apresentados nestes anos de evento?**

Foram exibidos 1.300 filmes nestes 21 anos de atividades.

**Você pode falar de alguns dos filmes mais conhecidos que passaram pelo Festival?**

A História da Eternidade, de Camilo Cavalcante; Madame Satã, de Karim Aïnouz; O Xangô de Backstreet, de

Miguel Faria Jr.; Tatuagem, de Hilton Lacerda; O Auto da Compadecida, de Guel Arraes; O Céu de Suely, de Karim Aïnouz; Edifício Marter, de Eduardo Coutinho; Abismo Prateado, de Karim Aïnouz; Família Vende Tudo, de Alain Fresnot; e Lixo Extraordinário, de Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley.



## Oficinas de crítica e cinema LGBT

O olhar apurado para elaborar a crítica de cinema e para discutir e entender a forma como o cinema tratou os personagens homo e bissexuais da década de 1970 até agora são temas de duas das principais oficinas que o Festival de Cinema de Vitória vai oferecer no evento deste ano.

No primeiro caso, a Oficina de Crítica Cinematográfica será ministrada pelo jornalista especializado em cinema André Dib. “Em encontros teóricos e práticos, a oficina tem como objetivo proporcionar o desenvolvimento do espírito crítico e da capacidade de se relacionar com os filmes”, explicou Dib, em texto publicado pelo *site* da Galpão Produções, que realiza o Festival junto com o Instituto Brasil de Cultura e Arte (IBCA) e conta com o patrocínio do Ministério da Cultura, por meio da Lei Rouanet, da Petrobras, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), da Rede Gazeta e da Prefeitura Municipal de Vitória, além do apoio do Canal Brasil, da CiaRio, da DOT, da Mistika, da Cinecolor, da Cesan e da Ufes.

Serão realizados exercícios escritos e orais, a partir da leitura de textos e da exibição de filmes. Os alunos terão de produzir críticas, que serão avaliadas coletivamente e publicadas em um blog, sobre os filmes do Festival.

Na Oficina de Cinema LGBT, será debatido o tratamento dispensado a esses personagens, por meio da exibição de cenas selecionadas de filmes que marcaram época e redefiniram a imagem de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais desde os anos de 1970. Serão analisados os trabalhos de cineastas como Pier Paolo Pasolini, Rainer Werner Fassbinder, Stephen Frears, Pedro Almodóvar, Gus Van Sant, François Ozon, Brillante Mendoza, Marco Berger e Karim Aïnouz.

Segundo o jornalista Christian Petermann, que será responsável pela condução da Oficina, em matéria publicada no *site* da Galpão Produções, de forma genérica, pode-se afirmar que, pós-boom dos anos de 1980, a produção cinematográfica independente apresentou um retrato mais realista e plural da sexualidade humana. ■

# Uma senhora respeitável e atendida

**Biblioteca Pública do Espírito Santo completa 160 anos e prepara mais um salto de qualidade**

As obras raras, os documentos históricos, as coleções especiais que ajudam a preservar a identidade capixaba e as ações em curso, que permitirão um atendimento mais dinâmico e atual aos usuários, compõem, além de um grande acervo, uma gama de políticas que transformam a Biblioteca Pública do Espírito Santo (BPES) em uma das instituições mais importantes de incentivo ao conhecimento no Estado.

Entre os novos projetos desenvolvidos por essa “respeitável senhora”, que completou 160 anos em julho, está a ampliação do processo de digitalização de documentos históricos e coleções especiais, como os primeiros periódicos do Espírito Santo. Trata-se de um grande projeto, já aprovado na Lei Rouanet e agora em fase de captação de recursos.

A professora doutora em Semiologia e Ciência da Literatura e diretora da BPES, Rita de Cássia Maia, assina artigo que fala da trajetória, das políticas em curso e da importância da instituição para o Espírito Santo. Esse artigo foi apresentado em mesa redonda, no dia do aniversário da Biblioteca, em 16 de julho de 2015.



## BPES: 160 anos de História

Artigo: Rita de Cássia Maia e Silva Costa - Diretora da BPES

Julho de 2015: “Alice no País das Maravilhas”, obra-prima de Lewis Carroll, completa um século e meio e continua a encantar leitores, continua a suscitar discussões filosóficas e a inspirar artistas do mundo inteiro. Escrito pelo reverendo e professor de matemática do conceituado Christ College em Oxford, Charles Dodgson, nome verdadeiro de Lewis Carroll, o emblemático manuscrito de 1865, um dos maiores tesouros da British Library, é cedido, sob sete chaves e certamente ao custo de alguns milhões de dólares, a The Morgan Library & Museum, estrela de uma exposição em Nova York a ilustrar uma das inúmeras comemorações espalhadas no mundo inteiro durante todo este ano. Na Inglaterra, como em vários outros países, “Alice” está nos palcos, entre apresentações de musicais e de teatro, está nos cinemas, em museus e exposições, em novas e ricamente ilustradas edições, dando mostras das inúmeras maneiras com que a personagem foi retratada durante os anos e principalmente evidenciando porque essa obra, supostamente para crianças, se tornou um grande clássico. Em outras palavras, o êxito da história atravessou fronteiras e décadas, acomodando-se às mudanças culturais de cada geração.

Muito mais que às crianças, é aos adultos que se dirige “Alice”. Ao responder à pergunta da lagarta - “quem é você?” - a menina de cabelos louros e vestido azul responde: “Eu - eu não sei muito bem quem sou hoje. Sabia

quem era quando me levantei esta manhã, mas fui mudando muitas vezes desde então”. Rer a narrativa de Lewis Carroll causa assombro. Repleta de jogos de palavras e universos paradoxais, a obra-prima de Carroll pode ser lida e relida sob diferentes prismas: contrariamente ao senso comum e à obviedade do sentido, o livro oferece ao leitor novas e diferentes maneiras de pensar. Nos mistérios do puro nonsense, ele apresenta aquilo que na linguagem é sua própria subversão, vasculhando nosso mundo pelo outro lado da lógica, a lógica da fantasia.

Como obra de fantasia, reflexo do gosto pelo nonsense, característico da literatura da Inglaterra na época vitoriana, “Alice no País das Maravilhas” realiza, por meio de seu discurso ambíguo e aparentemente sem lógica, uma crítica ao regime monárquico do século XIX, conservador e autoritário. Mas, acima de tudo, como a lógica do sonho que confere sentido ao que parece não ter sentido, o mundo de Alice, como diz Burgess (1982), tem o poder de recuperar a inocência perdida.

Não por simples acaso “Alice no País das Maravilhas”, segundo os críticos, teria influenciado autores como James Joyce, em “Finnegans Wake”, Kafka, em “O Processo” e “O Castelo”, e Nabokov, autor de “Lolita”, além de artistas surrealistas como Magritte e Salvador Dalí. É no mundo do sono, e portanto do sonho, que Lewis Carroll, com seus trocadilhos e intraduzíveis



jogos de linguagem, revira os sentidos e faz o leitor ver o mundo de ponta-cabeça ao tornar-se de novo criança, vendo o mundo como a criança o vê, dormindo e despertando para descobrir, citando Virginia Woolf, que o verdadeiro objetivo da vida é o desenvolvimento do character. Em inglês essa palavra significa simultaneamente personagem e caráter, permitindo um interessante trocadilho. Isso nos desafia a pensar a literatura em sua dimensão de jogo, de formação e transformação. Ao se referir ao caráter do escritor de “Alice”, a escritora inglesa, ela própria rigorosa em sua ourivesaria com as palavras, sugere ter tido ele dentro de si “um cristal de perfeita dureza”.

Por que falar dessa obra-prima da literatura inglesa se a nossa motivação é a celebração dos 160 anos de história da Biblioteca Pública do Espírito Santo (BPES)? Qual o significado de voltarmos nosso olhar para essa feliz coincidência? Em uma das vitrines da exposição de obras raras e especiais que a BPES, de forma tão singela, apresenta ao público para dar a conhecer uma pequena mostra de seu tesouro, encontra-se a edição de 1990 de “Aventuras de Alice no País das Maravilhas”, que integra a Pleiade, coleção francesa, valiosíssima e completa, da Gallimard, que o historiador >>

e bibliófilo José Teixeira de Oliveira legou à BPES por meio de sua viúva, Stella Teixeira de Oliveira, em 2007. Juntamente com a Pleiade, compõem este acervo a que o autor da “História do Estado do Espírito Santo” dá nome outras igualmente valiosas obras de literatura, filosofia, religião, história da arte, totalizando 2.750 títulos. Ao lado desta coleção especial estão a coleção intitulada Província, assim denominada em virtude de ter sido formada principalmente do que se colheu e guardou desde os tempos da criação da Biblioteca em 16 de julho de 1855, ampliada e preservada ao longo de todos esses anos por seu valor histórico e cultural, e a Documentação Capixaba, acervo fundamental à pesquisa sobre a memória e a identidade capixaba. Juntas, elas representam, embora ainda pouca gente conheça, patrimônio cultural de imenso valor do povo espírito-santense.

Guardiã desse patrimônio, a BPES



vem se consolidando institucionalmente por uma série de razões: além das coleções mencionadas, há, no conjunto de vários e excelentes acervos, que se subdividem em função de suas características e do público a que cada um deles se destina, um total de 56.485 títulos devidamente catalogados, informatizados e disponíveis para leitura e/ou pesquisa. Por meio desses acervos e coleções e de seus diversificados serviços, a BPES

cumprir sua função social de dar acesso à informação e ao conhecimento a todos que nela venham buscar material de leitura e fonte de pesquisa, assim como alento e estímulo ao debate de ideias como forma de enfrentar as vicissitudes de nosso tempo.

Fazem parte da estrutura e dos serviços da Biblioteca, dentre outros, os setores Braille, multimídia, a divisão que reúne as diversas áreas do conhecimento sob o nome de obras gerais - sala de visitas que atende ao grande público da Biblioteca -, a divisão de periódicos, que propicia livremente informação, conhecimento e lazer, além, claro, daquele que deve ser, como costume dizer, “a menina dos olhos” de toda boa biblioteca pública, o setor infantojuvenil, por ser simbolicamente a porta de entrada ao extraordinário mundo da leitura aberta aos que são potencialmente os leitores de que o país precisa para se desenvolver: as crianças.

Não raro se vê, numa visita ou num passeio pela Biblioteca, pessoas observando estantes, descobrindo relíquias e curiosidades, acariciando edições que tocam guardados da memória, fustigam lembranças e imaginações. O interesse pela leitura pode ser visto cada vez com mais frequência por gestos e olhares que buscam, nas estantes, livros e autores, capítulos e páginas, edições e traduções de histórias contidas em numerosos e densos volumes. No século da primazia das imagens, a leitura continua sendo uma das mais enriquecedoras e singulares manifestações da experiência humana. Cecília Meireles assim se refere ao gosto da narrativa – e a isso podemos associar a experiência da leitura - em sua prosa poética: “O gosto de contar é idêntico ao gosto de escrever – e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores. O gosto de ouvir é como o gosto de ler. Assim, as bibliotecas, antes de serem estas infinitas estantes, com vozes presas dentro dos livros, foram vivas e humanas, rumorosas, com gestos, canções, danças entremeadas às narrativas”.

Com esse espírito de biblioteca viva, aberta à experiência humana e ao com-

partilhamento, a Biblioteca Pública do Espírito Santo desenvolve seus projetos e suas políticas. São exposições, visitas, ações culturais, atividades diversas em torno das quais as pessoas, profissionais e usuários, se envolvem, ampliando o leque de oportunidades de experiência e de descobertas sobre as relações entre o ler e o viver. Semeando a leitura no fértil campo das ideias, colhemos silenciosamente a intimidade com o livro e a leitura estimulada pelo rico e constante debate em torno da literatura, especialmente a literatura do Espírito Santo.

Há nessas políticas e ações um cuidado com a qualidade e a valorização dos acervos bem como com o seu caráter de formação. Assim como se busca valorizar a tradição e as conquistas científicas e tecnológicas, históricas e culturais, reunidas nas mais diferentes áreas do conhecimento, também se favorece o acesso a esses bens por meio dos mais variados e indispensáveis serviços. É importante registrar o nosso reconhecimento à eficiente e valorosa equipe técnica da BPES pelo zelo no desempenho de suas funções. A formação de leitores mais seletivos e críticos, qualificados para a vida em sociedade, articulada à valorização do conhecimento, da ciência e das artes formam as bases das políticas desta Biblioteca, especialmente sua política de preservação de acervos, que inclui, dentre outros, projetos de digitalização, conservação e restauração, e sua política cultural.

Alguns claros exemplos desse cuidado com o acesso à informação e com a inclusão social, de um lado, e com a valorização e difusão da literatura e da memória do Espírito Santo, de outro, são hoje de amplo reconhecimento público, a despeito de todas as dificuldades enfrentadas. Respondendo pela divisão itinerante da BPES para levar leitura e informação às comunidades mais distantes, a Biblioteca Móvel e a Biblioteca Transcol ai estão, consolidando essa política. Da mesma forma aproximadamente 100 títulos (todos de literatura do Espírito Santo) foram enviados, para integrar seu grande acervo, à Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América.



“As grandes bibliotecas não se formam de uma vez...”. Cito aqui, com ênfase, trecho do relatório assinado por João Clímaco d’Alvarenga Rangel e José Camillo Ferreira Rebello apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Espírito Santo no dia da abertura da sessão ordinária, em 1861, pelo Presidente da Província José Fernandes da Costa Pereira Júnior. Peço licença para repetir o que eu mesma disse em 16 de dezembro de 2008 por ocasião da reinauguração da BPES após sua reforma e ampliação:

“A Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha, fundada em 16 de julho de 1855 e sediada na Praia do Suá desde 1979, tendo sido a 5.ª biblioteca pública criada no país, representa um elo entre a tradição e a modernidade, entre o mito e a realidade, a transição de um projeto político à materialidade de um sonho, cuja construção se fez e se faz todos os dias ‘tijolo com tijolo num desenho mágico’. Como no poema de Chico Buarque ou no de João Cabral, essa construção, ou reconstrução, só faz sentido e só é possível porque é de todos. Eis o desafio: redescobrir palavras e histórias para ajudar a compor, com todos aqueles que nos precederam, a história da reconstrução desta Biblioteca, que é também parte da história do povo espírito-santense e portanto guarda a sua memória”.

Profundas transformações sociais marcam o país e o mundo nesses 160 anos de história. A abertura de mercado resultante dessas transformações e a subsequente nova ordem mundial se fazem sentir em todas as instâncias da

vida cotidiana: na mídia, na política, na cultura, na ciência, na economia e na informação. Esse movimento interfere de maneira decisiva no destino e na permanência - ou não - das instituições.

Cada vez mais o ritmo de expansão do volume de informações excede nossa capacidade de contê-las. Sempre gosto de lembrar o mito da Biblioteca de Alexandria: construída cerca de 300 a.C, ela resulta do sonho antigo de representar a biblioteca universal, sonho que ressurge com a promessa de se redimensionar os modos de produzir e disseminar conhecimento com a utilização das tecnologias da informação. Com a tecnologia, todo o conhecimento pode migrar para o universo dos bits. Sabemos quão indispensáveis são a informação e o conhecimento para as sociedades do século XXI.

Uma boa biblioteca jamais é completa. Modernizá-la permanentemente envolve grandes questões: os custos de manutenção, modernização e funcionamento; a necessária e permanente atualização de acervos; sua preservação; a indispensável qualificação de seus quadros técnicos; os dispositivos de acesso aos bens simbólicos pelos usuários; sua sustentabilidade... Tudo isso envolve o desafio de uma mudança de concepção, que requer principalmente valorização social e investimentos.

## BIBLIOTECAS SÃO TESOUROS. **ELAS FAZEM PARTE DE NOSSO IMAGINÁRIO COMO EMBLEMA UNIVERSAL DO DESEJO HUMANO DE IMORTALIDADE.**

Toda boa biblioteca pública é uma entidade complexa, sofisticada e cara. Bibliotecas são tesouros. Elas fazem parte de nosso imaginário como emblema universal do desejo humano de imortalidade. Do ponto de vista histórico e político, penso que são necessárias mudanças de atitude e vontade política para vencer esse desafio. Mas sempre é bom lembrar que as boas bibliotecas possibilitam ao homem a suposição de ultrapassar todas as fronteiras do pensamento e do conhecimento de que falou Koyrè, fazendo-nos crer na

infinitude do universo. Visão de mundo poética e tão coerente com a biblioteca universal e labirintica que com Borges aprendemos a amar...

Ouso aqui reproduzir um sonho. Trago-o à lembrança apenas para, à maneira de Alice, buscar em sua suposta falta de lógica uma certa razão para ver no desafio das contradições “as maravilhas” desse poço muito fundo que se chama biblioteca:

Certa noite sonhei com uma casa de minha infância. Para dizer a verdade, a primeira casa em que vivi, na mais tenra idade e por muitos anos desde quando para cá vim com minha família, para viver tão distante de minha terra natal. Esta casa, de que me lembro muito bem, entre cômodos e sótão, cercada por um jardim de roseiras e uma pequena queda d’água nos fundos do quintal, guarda mistérios e lembranças que retêm o rascunho – ou o desenho – desta em que me tornei. Era uma bonita casa com varanda, com telhado e cumeeira, de onde escorriam as águas das fortes chuvas nas tardes de verão. Pois bem: nesta casa se alojam estantes e livros, em todos os espaços, organizados com tal ordem e beleza que o arranjo resulta numa biblioteca vasta, valiosa, admirável, aberta... Dela brotavam conversas, apagavam-se saudades, aprendiam-se cuidados e segredos. Era

uma casa feita de livros: uma biblioteca com seus labirintos (tal qual a biblioteca mítica de Borges), que me fascinava com seu inesgotável universo de símbolos.

Penso que, como no sonho, é sempre uma casa o lugar de nossa origem que, com suas paredes e janelas, abriga nossos desejos, tornando-os a bússola para nos orientarmos face aos nossos enigmas. Não somos nós quem vivemos numa casa. É ela que vive em nós. Assim como nossa casa, a biblioteca nos acolhe e nos habita. Cuidemos bem dela, portanto! ■

# Cores

## de Vitória

**Prefeitura busca apoio privado para colorir a cidade com o projeto “A Arte é Nossa”**

As obras de intervenção urbana de artistas como Ficore Kabelera poderão ser ampliadas pelas ruas de Vitória. A Prefeitura lançou edital, em julho, para cadastrar e buscar apoio de empresas interessadas em patrocinar um dos cem muros que a gestão espera contemplar com o projeto “A Arte é Nossa”.

Ficore é um dos cinco artistas que já marcaram o projeto, com intervenções (veja quadro) em nove muros da Capital. Com o edital, as empresas têm até o dia 31 de dezembro para se cadastrarem e confirmarem o interesse em patrocinar a arte urbana pela cidade.

“O cadastramento não obriga a empresa a financiar a execução das obras, mas confirma seu interesse. O patrocínio se viabilizará



depois de reuniões, nas quais serão discutidos custos e locais (ainda indefinidos)”, explica a coordenadora do “A Arte é Nossa”, projeto de intervenção artístico-urbana pelas ruas de Vitória, Fernanda Bellumat. Um segundo edital deve ser publicado em breve, para selecionar e premiar, com recursos públicos, artistas que participam dessas intervenções urbanas.

“Trabalhamos para devolver os espaços públicos de Vitória aos seus moradores e para reforçar a vocação da cultura como elemento de transformação da cidade. O projeto “A Arte é Nossa” reali-

za intervenções artístico-urbanas em muros da Capital, em suportes diversos, com o objetivo de humanizar os espaços públicos, democratizar a produção artística, valorizar a arte urbana e deixar a cidade mais viva”, disse a secretária municipal de Cultura, Ana Laura Nahas.

“O projeto tem como propostas valorizar o artista e a produção artística local, minimizar a frieza da cidade provocada pela urbanização e transformar a Capital em uma grande galeria, aproximando ainda mais a arte da população”, complementou Fernanda Bellumat.

### A arte e as ruas



A transformação da cidade em um grande espaço de exposição da arte encanta Ficore Kabelera, que já teve seu trabalho reconhecido na Itália. O painel que criou na cidade de Spinoso, naquele país, foi tombado pelo Patrimônio Histórico-Cultural e abriu portas para que o artista fosse reconhecido no exterior. Ficore foi selecionado para a 3.ª Bienal Internacional Graffiti Fine Art, neste ano, em São Paulo.

Para ele, iniciativas como a do projeto realizado pela Prefeitura de Vitória ajudam a valorizar artistas urbanos. “É o artista sendo visto com menos preconceito.”

Entre os seus muitos trabalhos, especialmente de intervenção urbana, Ficore fala com emoção do muro de 300 metros quadrados que pintou em Jardim Camburi. A obra ganhou espaço na mídia nacional pela grandiosidade do trabalho.



## Intervenções realizadas

- ▶ Cardume de Cordas/ Muro da Fames – Ficore Kabelera (abril/2015). Grafite. Faz referência à Baía de Vitória e aos instrumentos musicais e tem como objetivo retratar a relação da música, em diálogo com o espaço físico em que o trabalho se encontra e a geografia do local.
- ▶ Casa do Ler e Saber – Renato Pontello (dezembro/2014). Grafite. Faz referência à relação das crianças com a literatura. Localizado no Parque Barreiros, na Grande Maruípe.
- ▶ Muro do estacionamento do Ministério da Fazenda (Centro) – Antonio Natural e Dione Salvador (julho/2014). Grafite e arte mural.

“Foi um trabalho voluntário, com colaboração da comunidade”, disse o artista. Como era uma obra muito grande e com muito custo, empresas como a Casa do Construtor e a Politintas ajudaram a concretizar o projeto, que Ficore diz ser o maior mural, em metro quadrado, já pintado por artista urbano no Brasil.

A obra “Raízes de Cor” fica

Cria um trajeto fictício para os tradicionais bondes, usados como meio de transporte na primeira metade do século passado, entre edificações históricas da Capital, como o Theatro Carlos Gomes e o Palácio Anchieta.

- ▶ Muro da Fábrica de Ideias (Jucutuquara) – Emílio Aceti e Centro Grafitacional (julho/2014). Grafite. Faz referência à proposta do espaço, que é difundir e valorizar a economia criativa.
- ▶ Muro da Casa da Juventude (São Pedro) – Ficore Kabelera (fevereiro/2014). Desenho livre. Inspirado na fotografia e no olhar de cada cidadão sobre a cidade.
- ▶ Parque da Fonte Grande (São Pedro) – Antonio Natural e Dione Salvador (fevereiro/2014). Arte relevo. Inspirado na fauna e na flora do Parque da Fonte Grande.
- ▶ Tapume do Hidroavião (Santo Antônio) – Dione Salvador (fevereiro/2014). Arte relevo. Inspirado nas figuras tradicionais do samba e em seus foliões.
- ▶ Tapume na Praia de Camburi – Dione Salvador (dezembro/2013). Arte relevo. Inspirado em práticas esportivas para dialogar com os cidadãos que usam o espaço para se exercitar.
- ▶ Fafi (Centro) – Dione Salvador (novembro/2013). Arte relevo. Faz referência à música, ao teatro e à dança. Obra feita em comemoração ao Dia da Cultura.
- ▶ Escadaria de São Benedito – Dione Salvador (agosto/2013). Desenho livre. Inspirado no mangue.

no beco do condomínio Village de Camburi. “Minha intenção foi fazer o resgate da memória daquele espaço, ocupado por moradores, em sua maioria, de origem afrodescendente. A ideia foi valorizar as raízes africanas.” No mural, Ficore retrata uma criança que transforma a região com cores e formas que saem do seu tambor.

## Os artistas

### ANTONIO NATURAL

Artista autodidata, descobriu as técnicas de relevo em cimento em 2004. Desde então, passou a desenvolver a arte em diferentes tipos de superfícies, como muros e fachadas.

### EMÍLIO ACETI

Graduado em Artes Plásticas e mestre em Ciências da Arte, atua como professor titular em faculdades de Vitória. Sua experiência e atuação na área das artes são voltadas, principalmente, para os segmentos do grafite, da pintura, do desenho, da fabricação e da utilização de materiais artísticos.

### FIGORE KABELERA

Começou sua trajetória em 1997 e, após anos de atuação com o grafite, tornou-se referência em intervenções artístico-urbanas em Vitória. Entre seus trabalhos, o painel na cidade de Spinoso, Itália, tombado pelo Patrimônio Histórico-Cultural, trouxe reconhecimento internacional ao artista.

### FRANCIONE SALVADOR

Artista autodidata. Trabalha com pintura de telas, murais, grafite, mosaico e cerâmica. Participou das exposições Mostra Underground de Vitória (2006), Vitória; Mostra Identidade Capixaba (2011), Vitória; Encontro das Nações (2012), Florianópolis; além de participar como oficina do projeto Papo Reto da Organização das Nações Unidas (ONU).

### RENATO PONTELLO

Arquiteto urbanista com formação em ilustração pelo IED – SP. Em 2008, começou a pintar nas ruas. Ficou em 1.º lugar no concurso promovido pela revista Zupi e pelo IED. Em 2011, participou da turnê europeia do Festival Espírito Mundo, realizando oficinas e exposições no Custard Factory, em Birmingham. ■



NOVA ALMEIDA | Foto: Samuel Vieira